

Embaixada americana, recebe pouco e num padrão nem sempre bom



Embaixada russa, recebe com freqüência e fartura



Tarantella, o preferido de Ulysses e Tancredo

## VIDA SOCIAL

## Um mundo à parte

MANUEL MENDES  
Colunista diplomáticoAS REUNIÕES  
E FESTAS NAS  
EMBAIXADAS

Estão chegando a Brasília os novos parlamentares eleitos em 15 de novembro. Vão dar vida nova à cidade. Alguns já são veteranos; outros vão residir aqui pela primeira vez. Como parlamentares, ingressam no mundo oficial da cidade. Vão fazer descobertas e amargarem algumas decepções. Na parte de nossa vida social vão descobrir que há praticamente três mundos — o que chamariamos de puramente social, que são as reuniões, festas, aniversários e almoços de fim de semana congregando sobretudo a classe liberal e as pessoas mais antigas aqui radicadas; o segundo mundo seria o social-governo, são as reuniões e coquetês de cunho oficial com parlamentares, ministros e as altas figuras do segundo escalão oficial; e, finalmente, o terceiro mundo (o "terceiro mundo" aí é mera coincidência) que reúne a vida social mais ativa, mais dinâmica e de maior freqüência na cidade: a social-diplomática. Aí estão, em dúvida nenhuma, as melhores e mais requintadas festas, em ambiente fino, senhoras com a vivência dos grandes salões internacionais e, sobretudo, as melhores bebidas e as melhores comidas importadas, já que o diplomata não paga taxa e o "scotch", mesquinha e tachado de "superfluo" para os brasileiros, é essencial para essa comunidade que fala muitas línguas e que está sempre mudando pela chegada e partida de novos membros, na mobilidade própria da vida cigana de todo diplomata.

## DIFÍCIL

Mas, mesmo sendo parlamentar, não se entra facilmente nesse "terceiro mundo". A vida social-diplomática tem regras fixas, diferente das outras reuniões sociais. Uma regra básica é a pessoa jurídica, o cargo ou a função que se desempenha para se figurar na lista de um jantar de um embaixador. Na maioria dessas reuniões os convites geralmente se restringem aos presidentes das duas casas e às lideranças. O parlamentar com outras funções ou simplesmente sua função parlamentar, vai conhecer primeiro os diplomatas, geralmente um conselheiro ou mesmo um secretário, que fazem a parte política da Chancelaria. Em reuniões mais gerais, como os conhecidos "vinhos de honra" comemorativos das datas nacionais, os parlamentares mais conhe-

cidos podem fazer parte da lista de convidados. Mas, sobretudo aos novos, é bom verificar que esse tipo de reunião é apenas para os homens. O convite não inclui a esposa. Isso não significa que não vamos encontrar nenhuma senhora numa celebração dessa. Vamos sim, mas, as que estiverem lá, se não foi "gaif" do convidado que levou a esposa, será uma "pessoa jurídica", uma diplomata, uma jornalista, ou uma autoridade (senadora, ministra, etc).

## A MELHOR

Por gozar de isenção de qualquer taxa de importação, o diplomata pode oferecer o melhor whisky, o melhor champagne, os melhores vinhos, patês e outras iguarias. E bem verdade que mesmo essa vida hoje, ainda que sem taxas, já mostra reflexos da crise mundial e começa a ser menos far far do que antes. Alguns jantares são mesmo fracos, contratados com economia em serviços locais de "buffets". Mas, nunca vamos encontrar, mesmo na casa de um terceiro secretário (estrangeiro) whisky nacional. Os vinhos sim, algumas vezes estão lá e hoje começam mesmo a ganhar adeptos pela melhoria de suas qualidades.

## DIFERENÇAS

Há evidentemente, embaixadas (talvez seja mais próprio dizer embaixadores), que recebem melhor ou pior que outras, independente, muitas vezes do país, isto é, do grau de riqueza desse país. A embaixada dos Estados Unidos, por exemplo, tem a tradição da que menos recebe e quando recebe, é sempre dentro de um padrão que sendo bom, nem sempre chega a ser ótimo.

Já alguns países socialistas recebem com mais freqüência e com mais fartura, como no caso específico da Embaixada da União Soviética. Eles são também mais magnânimos na lista de seus convidados e, quase sempre, vamos encontrar lá pessoas que não são o padrão que se encontraria numa outra embaixada, digamos da Europa Ocidental, num mesmo tipo de festa.

De um modo geral o "scotch" mais encontrado nas recepções diplomáticas é o Dimple, ou o Johnie Walker Black Label, algumas vezes o Chivas Royal. O champagne mais comum é o Moët et Chandon, francês, naturalmente, mas, em alguns casos, há os especiais. Os vinhos variam com a Embaixada. No caso das europeias elas servem vinhos do seu país.

Tudo isso só não é válido para as embaixadas dos países islâmicos. Ai Impera, rigorosamente, a lei seca. Almoço e jantares na base da limonada (a melhor limonada, aliás, é servida na casa do embaixador saudita) e refrigerantes.

Alguns países, como os árabes por exemplo, servem nos jantares pratos de sua rica cozinha e sempre vamos encontrar lá um carneiro assado, inteiro sobre a mesa.

Esta é, digamos, a vida social-diplomática ostensiva. O diplomata, porém, seja o embaixador ou o conselheiro e secretário, é um ser humano como qualquer um de nós. Eles procuram também ter sua vida privada, suas festas amigas sem a preocupação da "pessoa jurídica". Freqüentam clubes, usam os principais restaurantes da cidade, vão aos supermercados e nunca deixam de realizar, pelo menos uma visita a Cristalina.

Os restaurantes preferidos são os recomendados como os melhores da cidade. Os clubes preferidos são o de golfe e a Academia de Tênis. O supermercado mais utilizado pelos diplomatas é o Carrefour. Mas, muitos, por facilidade, sobretudo os que moram na área, usam o Jumbo do Centro Comercial Gilberto Salomão.

Nos longos feriados, o programa quase sempre é uma visita às cidades históricas de Minas, Goiás Velho, ou de avião, ao Nordeste, sobretudo à Bahia e Pernambuco.

Muitos embaixadores e outros diplomatas aproveitam uma boa parte de seus fins de semana para a leitura. Algumas embaixadoras, como a da França, por exemplo, não perdem nenhum programa ligado ao campo, à vida animal e rural. Muitos diplomatas (homens e mulheres) são habitués das novelas na televisão. As vezes, dizem que é para ajudar no aprendizado do português, mas, acabam pegando a mania.

De um modo geral todos procuram se informar sobre o Brasil, seu povo, seus costumes, sua arte. O diplomata é, na grande maioria das vezes, um homem estudioso, com um conhecimento amplo de numerosos assuntos. Gostam de arte em geral. São os que dão maior número nas exposições de arte e nas boas peças teatrais.

Muitos deles, nas festas carnavalescas, caem no samba e, com jeito ou não, pulam e se divertem à noite inteira, como no caso do embaixador Severin e senhora, da RDA e da maioria dos centro-americanos.

Muitos vão a pai de santo, freqüentam terreiros de macumba e candomblé, em Brasília e na Bahia (o embaixador Saviñon, da República Dominicana, era dos mais assíduos). Outros gostam de pescar e acampam no Araguaia, com a família, como o embaixador Motley, dos Estados Unidos. Enfim, são seres humanos. Podem falar uma língua diferente da nossa. Ter um credo que não é comum a nós. Defender um regime político bem diferente daquele que temos como meta, mas, não é nenhum E.T.

GILBERTO AMARAL  
Colunista socialO SALTO DA  
PROVINCIA  
PARA A CORTE

Com a renovação da Câmara dos Deputados em mais de 50% muita gente nova vai deixar a província para começar a conviver na Corte com o início da próxima legislatura. Vem gente de toda a parte com as mais diferentes maneiras de viver, com os mais exóticos modelos de educação, que só o tempo os moldará a uma nova vida que será iniciada na Capital da República.

Os primeiro dias, ou mesmo meses, são de euforia pelo alto cargo que passarão a ocupar. Depois cai na rotina e tudo entra nos seus devidos eixos. Os deputados e senadores reeleitos vão continuar a freqüentar o restaurante Gaf, no Centro Comercial Gilberto Salomão e os da oposição, o Tarantella, na SQS 203. Foi um hábito, mas não uma obrigatoriedade a presença desses políticos nestes dois restaurantes. Criou-se um mito neste sentido. Sem falar nos restaurantes da Câmara e do Senado, onde eles gozam uma regalia especial.

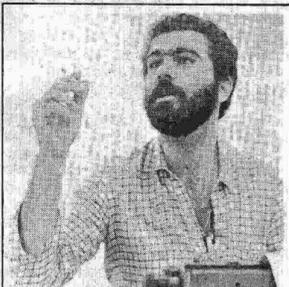
Mas na verdade, aqueles que montarão residência na Corte vão pegar mesmo é o "feijão com arroz da patroa", até pegar o ritmo normal da cidade grande. Eles chegam meio vexados ou meio apeados do interior, sem o hábito de comer fora. Nos fins de semana, o Clube do Congresso, em completo abandono, passa a ser o ponto de encontro para o banho de piscina, a prática do esporte, o bate-papo e até mesmo o almoço seguido de um joguinho de biriba.

A vida social dos deputados e senadores limita-se as reuniões em casa de colegas e são poucos os que freqüentam restaurantes, principalmente à noite. O almoço é que é sempre fora. Mesmo assim, os nordestinos são os que mais recebem, oferecendo almoço ou jantares com os pratos típicos de sua região. E o "baía de dois" na casa do cearense; ou o "pato no tucupi" na dos paraenses; os peixes famosos oferecidos pelos amazonenses.

Alguns deputados já alugaram residência no Lago e isso é uma boa indicação de que as coisas vão ser diferentes a partir deste ano. Muita movimentação social e política aglutinará ministros de Estado, embaixadores, diplomatas e casais da sociedade, onde se sabe de tudo e a infor-

mação brota melhor, sem o tradicional "off the record". Onde os parlamentares freqüentam mesmo com assiduidade são as recepções nas embaixadas, os "Vinhos de Honra" comemorativos da data nacional ou então, alguns com maior prestígio ou posição no Congresso, convidados pelo Itamarati para as raras recepções de agora. Outrora, noutros governos anteriores, as recepções do Itamarati, eram grandiosas para os chefes de Estados. Nelas os parlamentares compareciam e ainda davam um show de ridículo com suas casacas alugadas com o manequim do "defunto", sempre maior. O rabo da casaca, muitas vezes ou era curto de mais ou então comprido rolando no chão. Mas isso não existe mais.

Em suma, Brasília está de braços abertos para receber os novos parlamentares. Dar-lhes o devido carinho e a merecida atenção. No começo tudo são flores. Depois com o tempo a vida torna-se rotina e cada um vai viver a maneira que quiser como bem lhe convier. Que sejam bem-vindos os poderosos homens que elaboram e votam as leis em nosso País.

OTOMAR ABBUD  
Da Editoria de CulturaPDS E PMDB  
NÃO COMEM NA  
MESMA MESA

Nem só nos gabinetes e corredores do Congresso se fala de política. Os homens que a praticam também gostam de discutir a entre uma garfada e outra, um gole e outro de bom vinho. Aqui em Brasília criou-se um estigma: os políticos e aderentes da oposição freqüentam o Tarantella e os situacionistas e conservadores em geral o Gaf.

E bem verdade que quem inaugurou a moda de ir almoçar ou jantar no Tarantella foi ninguém menos que o Dr. Ulysses Guimarães. Mais tarde, também passaram a ir lá outras figuras de destaque da oposição como Tancredo Neves e Odacir Klein. Thales Ramalho, depois que mudou de partido, deixou de freqüentar o restaurante, talvez pela identificação que o lugar traga com as correntes oposicionistas, que revela o constrangimento que essa identidade abriga. E parece ser claro que esse veículo existe: no final do ano passado, o Tarantella ofereceu uma mesa de pratos frios para que a imprensa homenageasse o assíduo Ulysses Guimarães.

Contudo, se o Tarantella pode ser apontado pelos mais afoitos como um reduto oposicionista, o Gaf, por sua vez, não deve ser rotulado apressadamente como um ponto habitual dos pedessistas. Lá são mais encontráveis os tecnoburocratas do Executivo, incluindo-se aí os de primerrimo escalão, como os ministros Hélio Beltrão, Ibrahim Abi-Ackel, Amaury Stabile e Cloraldino Severo. Delfim, que já foi mais chegado ao Gaf, hoje prefere fazer suas refeições na própria Seplam, onde Bandeira — um dos cozinheiros mais solicitados da Corte — prepara iguarias para ele e seus convidados.

Há também um outro estigma, o de que o Gaf é caríssimo e o Tarantella mais acessível. Conta-se que certa vez o mineiro eleito governador Tancredo Neves tomava uma sopa de cebolas no Tarantella, quando alguém comentou que a comida do Gaf estava muito boa. Em voz baixa, ele retrucou: "Dizem que lá é muito caro. Vocês imaginam, ter que pagar um jantar em suaves prações?"

Já os gaúchos, fiéis às suas tradições, gostam de eventualmente, comer um bueno churrasco, preferindo, entre outros lugares, a churrascaria do Carrefour. Lá, onde convive democraticamente os grupos de Nelson Marchezan e Odacir Klein, os gaúchos matam — em sentido duplo — as saudades do Sul, já que há larga distância entre os churrascos feitos e saboreados nos dois lugares.

Mas estes não são os únicos restaurantes onde se pode encontrar políticos em Brasília. O La Chamière também é outro ponto onde se pode cruzar com Ulysses Guimarães. Por ser lugar pouco badalado e de difícil acesso — é preciso fazer reservas com antecedência —, é ideal para conversas que poucos devem ouvir. E embora não se possa considerar o local um ponto de políticos, é possível encontrar no Beirute — eventualmente — o petista Ailton Soares, talvez mais identificado com o público que freqüenta o tradicional restaurante.

Mas é fundamental não esquecer os lugares mais óbvios para os almoços de parlamentares: os restaurantes da Câmara e do Senado, que podem nem ter tanto charme, nem serem tão discretos, mas estão muito próximos de toda a faina política que movimentam o País.

WALTER SOTTOMAYOR  
da Editoria NacionalPOLÍTICA  
EXTERNA É  
ACOMPANHADA

Os parlamentares integram também em Brasília o privilegiado grupo dos funcionários que participam do ritual do poder e como representantes de diversos segmentos de uma sociedade têm papel importante no acompanhamento da política externa.

O Congresso fiscaliza os atos de Executivo e, portanto, cabe a ele convocar o chanceler para sessões privadas ou públicas, propôr mudanças, criticar, informar e até participar nos atos de Executivo no que diz respeito à diplomacia. Essa participação exige a presença dos parlamentares nos banquetes que o presidente da República oferece a chefes de Estado estrangeiros, bem como ao do chanceler, e também nas diversas recepções oferecidas nas embaixadas. Obviamente não são todos os congressistas que se interessam pela matéria ou estão capacitados no assunto.

O Congresso Nacional acompanha a política externa do País através das suas comissões de relações exteriores, que também mantêm um relacionamento estreito com os diplomatas estrangeiros. A Comissão de Relações Exteriores do Senado e, posteriormente, o plenário do Senado em sessão secreta aprovam os representantes do presidente da República no exterior, os embaixadores. Não se tem notícia de uma recusa do Legislativo a essas nomeações em passado recente no Brasil. No Peru, o presidente Belaunde Terry nomeou há dois anos o diplomata Javier Perez de Cuellar para ser embaixador no Brasil. O Congresso recusou, e Perez de Cuellar foi dirigido um Parlamento maior, a Organização das Nações Unidas.

## Novaes, mais antigo do mundo

★ DANIEL MACHADO  
Colaborador

"Ser fiel à democracia e saber honrar os compromissos assumidos com o povo" é o conselho que dá aos novos parlamentares o deputado Manoel Novaes, do PDS da Bahia, iniciando agora o seu décimo segundo mandato na Câmara.

Novaes, 74 anos, é o deputado com mais tempo de mandato em todo o mundo. Eleito para a Constituinte de 1933, conseguiu reeleger-se em todos os pleitos seguintes, reunindo, pois, em mais de 40 anos de exercício da atividade político-parlamentar — só interrompida pelo Estado Novo — autoridade "de experiência feita" para analisar a vida parlamentar.

Ele nota que a evolução da Câmara, ao longo desses anos, acompanha naturalmente o progresso do País, o desenvolvimento da técnica e dos recursos postos à disposição do homem. Antigamente, recorda, não dispunhamos de microfones, e cada um, na tribuna, se valia da potência da sua própria voz para ser ouvido. Nos tempos do Palácio Tiradentes, no Rio, o deputado vinha do seu Estado, hospedava-se por sua conta nos hotéis próximos à Câmara, com o América, o Riachuelo, e ia a pé ou de bonde para a Câmara.

As comunicações com base eleitoral eram precaríssimas. As dificuldades de contato com o Estado de origem eram de tal ordem que praticamente se tornava impossível transmitir os pronunciamentos, a atuação parlamentar ao eleitorado, ao qual só se chegava, nas épocas da campanha, em estradas de terra batida, às vezes a cavalo. Os discursos dos grandes nomes do Parlamento

Como representantes do povo brasileiro, os parlamentares também têm direito a um passaporte vermelho, assim como os diplomatas, ministros de Estado, ministros dos tribunais e os cardeais. Com esse passaporte, podem viajar para qualquer país e estão menos sujeitos aos problemas de alfândega quando entram e saem do país.

Os parlamentares também participam de missões especiais do governo brasileiro, seja a conferências internacionais, como a que recentemente terminou sobre o Direito do Mar, ou à sessão anual da Assembleia Geral das Nações Unidas.

Mas é nas viagens a convite do governos estrangeiros ou de instituições interparlamentares que os deputados e senadores vivem realmente o sabor da política externa e da diplomacia brasileira. Esses convites geralmente encaminhamos às comissões de relações exteriores nascem das reuniões que são promovidas ao longo da semana (de terça a quinta-feira) pelas missões diplomáticas estrangeiras.

As datas nacionais, a apresentação e despedida de novos funcionários diplomáticos, a chegada de delegações especiais, enfim, tudo é pretexto para se fazer uma recepção. Nelas o mais importante é o bate-papo, embora muita gente ainda ache que é o whisky ou os salgadinhos.

Essas conversas servem para informar tanto diplomatas como os convidados sobre assuntos de interesse geral ou específico. Não é preciso saber falar cinco idiomas para levar um bom papo. Há embaixadores que falam o misto de italiano, francês, espanhol e português, mas sempre dá para se entender. Aliás, o problema de língua faz com que as diplomatas se agrupem por afinidades, assim há os anglófonos, francófonos, os africanos, os asiáticos, árabes ou latino-americanos. Como os parlamentares, os diplomatas também prezam as instituições e não há partidos ou ideologias; os parlamentares são representantes da sociedade brasileira, assim como os embaixadores dos seus respectivos governos.

Há embaixadores e embaixadas que se caracterizam pelo excepcional tratamento dispensado a seus convidados, como a da União Soviética, Portugal, França, as duas Alemanha, os países árabes em geral e a Chile, que no momento não tem um Congresso em funcionamento. Uma das figuras mais conhecidas durante a anterior legislatura foi sem dúvida o alemão ocidental Gerard Kutzner, um dos poucos diplomatas que tinha como encargo tratar dos parlamentares e da imprensa. Foi através dele que a República Federal da Alemanha consolidou uma parceria com o Brasil.

ainda logravam algum registro na imprensa do Estado. Mas era só. Basta dizer que a expedição de telegrama dependia de complicado processo através dos Correios e Telegrafos, mais difícil ainda se tratasse de parlamentar não governista.

Além da evolução tecnológica, que hoje permite inúmeras formas de comunicação entre o deputado e a Nação, sobretudo em relação à sua base eleitoral, Novaes destaca outro tipo de mudança na Câmara: até 1946 os debates não estavam impregnados do conteúdo ideológico que, desde então passou a marcar posições e a rotular comportamentos.

Manoel Novaes lamenta o declínio do prestígio da atividade parlamentar e identifica como sua causa maior a perda do poder de criatividade.

No recente debate em torno das prerrogativas dos congressistas, frisa, deu-se muita ênfase à questão da imunidade e do decurso de prazo. Entretanto, o mais importante para o parlamentar, sobretudo do Nordeste e das regiões pressionadas pelas reivindicações no plano econômico e social, é a seu ver, o restabelecimento do direito de o Congresso legislar sobre matéria financeira, participando de modo efetivo na elaboração do Orçamento da União.

O representante pela Bahia não pretende para o congressista poderes absolutos ou exclusivos nessa matéria, porém o espaço necessário para legislar e que lhe permita criar, ou seja, ter idéias e meios ao seu alcance para viabilizá-las.

★ Daniel Machado é jornalista, da ADIRP

## Carlos Alberto, o mais jovem

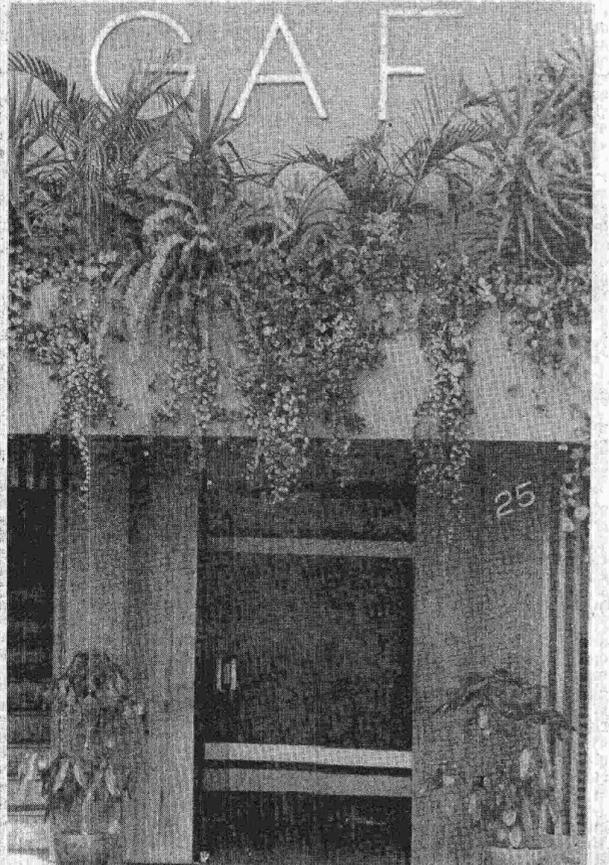
O senador Carlos Alberto de Souza, de 37 anos é o mais novo do Senado, chega àquela Casa quebrando uma longa tradição no Estado que sempre reservou o cargo para os membros da aristocracia e da plutocracia rural e urbana. Filho de pais pobres e bem no estilo americano dos self made men, o novo senador começou sua carreira política aos 25 anos como vereador de Natal, a capital de seu Estado, a partir de um programa de rádio, onde trabalhava como simples locutor.

Já na Câmara de Vereadores, Carlos Alberto elegia-se membro da mesa diretora e na legislatura seguinte galgava os degraus da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, onde também vinha a ser segundo secretário da mesa diretora. No pleito seguinte, 1974, elege-se deputado federal e, depois de mudar de partido — era do antigo MDB e passou para o PDS — e dentro de pouco tempo ascendeu à vice-liderança do Gover-

no, posto em que se sentiu incentivado para pleitear ser candidato a governador na eleição de 15 de novembro de 1982.

Não conseguiu, porém, furar o bloqueio das grandes famílias do Estado, que já haviam se unido em torno de um candidato; mas a simples tentativa lhe valeu sólidas amizades em gabinetes de decisão do Palácio do Planalto, com a ajuda dos quais e de sua própria habilidade sagrou-se candidato ao Senado, saindo-se finalmente vencedor.

Seu projeto político não é muito claro, além de sua meta de chegada — o Governo do Rio Grande do Norte —, e no momento se concentra em lutar por uma maior participação dos políticos nas decisões, que ainda vê concentradas nas mãos do Executivo, por considerar serem eles os condutores naturais de soluções para problemas graves, como é a seca do Nordeste, que aflige particularmente seu Estado.



Gaf, tido como reduto dos políticos governistas